



protagonistas

da imprensa brasileira

A opinião de quem decide

Thomaz Souto Corrêa

“Pesquisa-se muito o futuro da tecnologia e pouco o futuro do leitor”

Nos últimos (quase) 50 anos não se pode falar do mercado editorial e da história das revistas no Brasil sem que seu nome seja lembrado e mesmo reverenciado. **Thomaz Souto Corrêa**, que começou meio por acaso no jornalismo, como redator de internacional do Estadão, fez – e ainda continua a fazer – com **Roberto Civita**, na Editora Abril, uma das mais bem sucedidas e duradouras parcerias profissionais de que se tem notícia no País. Exceção ao cargo de presidente da empresa, ocupou praticamente todos os demais e hoje, longe do dia-a-dia das redações (semi-aposentado, como diz), mais do que um consultor, é seu conselheiro.

Por sua ampla sala no 26º andar do imponente prédio que a Abril ocupa na av. Nações Unidas (marginal de Pinheiros), em São Paulo, passam nos três dias da

semana em que ali dá expediente editores e diretores dos vários núcleos editoriais e, sobretudo, das várias revistas ali produzidas.

Quem entra pela primeira vez em sua sala logo se impressiona tanto com o tamanho, quanto com a impecável “banca” de revistas, estrelada sempre pelas últimas edições das várias publicações da Abril. Também se impressiona com a longa mesa de trabalho em que se acumulam títulos e títulos de publicações de todo o mundo e também as obras de referência que ele adota no seu dia-a-dia profissional.

Ao fundo, a ampla vidraça, quase como uma obra de arte de paisagem urbana, deixa à mostra o rio Pinheiros e seu entorno, de uma beleza impossível de se vislumbrar de baixo.

Se tudo isso impressiona os de fora, pouco ou nada acrescenta aos “de dentro”, que ali vão ouvir conselhos e críticas de um dos mais respeitados revisteiros do País. A eles, o que conta mesmo é a ancha parede branca, usada para “espelhar” as capas e miolos das revistas que produzem e que passarão pelo crivo do mestre. Sair de lá sem chumbo não é tarefa das mais tranquilas. Tanto é assim que aquela ampla e alva parede, que muitos poderiam deduzir ser apenas um elemento de decoração para deixar o ambiente mais suave, é conhecida, certamente com o exagero das brincadeiras – que muitas vezes devem ser levadas a sério –, como *El paredón!*

E foi ali, tendo *El paredón!* como fundo e num ambiente em que o elemento revista predominava, que Thomaz recebeu, na tarde de 28/3, uma 2ª.feira, a equipe de Jornalistas&Cia para uma entrevista de cerca



Eduardo Ribeiro (esq.), Wilson Baroncelli e Thomaz Souto Corrêa (fotos Luiz Anversa)

de 2 horas, que passa a compor a série **Protagonistas da Imprensa Brasileira** como seu número 16.

Entre as muitas revelações e questionamentos que fez, uma certeza, professada como tese: pesquisa-se muito o futuro da tecnologia e pouco o futuro do leitor e é ele o ponto-chave sobre o que vai acontecer com esse mercado. Mas poucos atinaram para isso e não se vê ninguém investindo nesse caminho.

Segundo seu pensamento, o ciclo completo das transformações certamente tirará do papel o protagonismo editorial, mas até isso acontecer há um bom espaço para crescer. E o argumento é poderoso: num mercado que produz 439 milhões de revistas por ano, ou seja, praticamente duas *per capita*, caso ele dobre, saltando para quatro exemplares por habitante, o que não seria nenhum absurdo, esse número poderá bater tranquilamente em 1 bilhão de exemplares. Mesmo

para os mais céticos, com os pés fincados no chão, esse não é um sonho impossível.

Mas, pragmático, Thomaz trata de não deixar o futuro tirar o foco do presente. “Precisamos ter um pé em cada canoa e cuidar para que um não vá mais rápido do que o outro, porque se não afundamos”, diz. E desafia: “Fazer gracinhas nas novas plataformas, valendo-se das novas tecnologias, é fácil; difícil é fazer isso no papel, que não aceita movimento. Mas é no papel que precisamos pôr todo o nosso talento à prova, na incessante e permanente busca de cativar e seduzir o leitor. As revistas em papel são as que pagam as contas, geram os lucros e viabilizam economicamente a empresa e o negócio”.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli



Thomaz Souto Corrêa

“O que mais me interessa hoje é saber para onde as novas gerações estão indo”

Protagonistas – Considerado um dos maiores revisteiros do País, você está há alguns anos longe do dia-a-dia das redações, apenas no Conselho Editorial da Abril e como seu consultor. Não sente falta de pôr a mão na massa? Ou faz isso de vez em quando para matar a saudade?

Thomaz Souto Corrêa – Nesse trabalho de consultor não ponho a mão na massa literalmente, mas o que faço, e que não é nada de novo, é acompanhar revistas. Tenho essa parede branca aqui, enorme (apontando para a larga parede de sua sala), que o pessoal apelidou de “el paredón” (risos).

Protagonistas – Podemos até imaginar por quê...

Thomaz – Ponho revistas nela e falo muito de projeto, edição, design... É uma coisa que gosto de fazer, o tipo de atividade que me dá prazer. Não é, obviamente, a mesma coisa que criar.

Protagonistas – Mas você não sente falta de criar?

Thomaz – Sinto, mas essa falta é compensada pelo fato de que continuo a analisar revistas. Sempre, sempre...

Protagonistas – Como é a sua rotina na Abril?

Thomaz – Venho três vezes por semana à empresa. Normalmente, há revistas querendo falar comigo. Ou é um diretor que tem dúvida ou é um projeto que querem que eu analise. É uma rotina basicamente editorial. Não faço mais nada de administrativo. Graças a Buda ou sei lá quem (risos). Atualmente também participo do curso de pós-graduação em jornalismo da ESPM.

Protagonistas – Como professor?

Thomaz – Como professor em uma cadeira chamada *Edição e Design*, que me deu um bom trabalho para montar. Mas, de novo, é algo de que gosto muito. Além disso,

sou sempre convidado a escrever ou fazer palestras. Portanto, quando não estou aqui falando de revista estou por aí fazendo alguma coisa relacionada a ela.

Protagonistas – E você ainda tem alguma ligação com a Fipp? [N. da R.: Fédération Internationale de la Presse Périodique, entidade global que congrega associações relacionadas ao meio revista, de cujo Conselho ele foi presidente de 1999 a 2001]

Thomaz – Não, nada. Porque quando você deixa um cargo executivo de uma grande editora, como era o caso aqui, essa representação não faz mais sentido. Você passa a ficar longe da linha de produção, não tem mais as mesmas informações para levar e tal. Eu agora faço parte do Conselho Consultivo da Fipp, que reúne os ex-presidentes. Mas esse Conselho é simbólico.

Protagonistas – E no plano pessoal? Você conseguiu ter mais tempo para a família, vai escrever o tal do livro sobre a história das revistas?

Thomaz – Primeiro: não, não tenho muito tempo. Sinto falta de tempo até para ler. Suponho que vocês tenham o mesmo problema. Sempre digo que quero ler, que preciso de tempo para ler, mas não acho. Segundo: tenho alguns projetos – de um livro de arte, de um livro de comida e desse livro de revistas. Mas tenho uma preguiça desse livro de revistas que vocês não imaginam... (risos)

Protagonistas – Mas você não chegou a escrever uma série sobre essa história na newsletter interna da Abril? Ela não seria

o embrião do tal livro?

Thomaz – Sim, escrevi, mas não é daquilo que eu preciso. Num livro desse tipo, hoje, você tem que contar histórias. E tem muita história pra contar. Como sou testemunha de um bom período, preciso de tempo para escrever, lembrar e fazer pesquisas.

Protagonistas – Talvez você tenha que montar uma equipe de pesquisas para te assessorar...

Thomaz – Precisa ter pesquisa. Não tem jeito. São planos que vão escorregando por aí, na medida em que vou me ocupando com outras coisas...

Protagonistas – Onde você nasceu?

Thomaz – Mirassol, cidade que viu seu time de futebol estreiar este ano na pri-

meira divisão e fazer bonito... (risos) [N. da R.: ele se refere à colocação campanha do time da cidade no Campeonato Paulista de Futebol de 2011]

Protagonistas – Nos seus sonhos de menino o jornalismo passava por sua cabeça?

Thomaz – Não, não passava. Lembrei outro dia que eu tinha um amigo em Mirassol

“ Eu sempre gostei de revista, tanto que tenho uma coleção. ”



– esqueci o nome dele – e a gente copiava gibi. Copiava os desenhos...

Protagonistas – Colocava uma folha em cima e decalcava...

Thomaz – É. E era uma coisa de que a gente gostava. Ele levava muito jeito. E eu pensava: será que vou ser desenhista, artista? Andei batendo a cabeça por aí. Eu queria fazer Arquitetura, mas só passei em Desenho Artístico... Em Desenho Geométrico eu ia a pau feio, nas várias vezes que tentei... Acabei fazendo Economia porque era mais simples. Mas no terceiro ano de faculdade fui trabalhar no Estadão e abandonei o curso.

Protagonistas – E as revistas onde entram?

Thomaz – Lembro até hoje que, nas voltas para Mirassol, pois já havia saído da cidade, ficava fascinado quando o jornaleiro entrava no trem com as revistas...

Protagonistas – Você viveu até que idade em Mirassol?

Thomaz – Com um ano nós saímos.

Protagonistas – E já vieram para São Paulo?

Thomaz – Não, meu pai trabalhava com café e depois em um negócio de borracha... Zanzamos muito antes de nos estabelecermos em São Paulo.

Protagonistas – Por quais cidades passaram?

Thomaz – Campo Grande, Rio de Janeiro um pouco, Corumbá...

Protagonistas – E como foram os seus estudos nesse período?

Thomaz – Comecei em Corumbá, o primeiro ano. Depois já viemos para São Paulo e eu entrei no Mackenzie. Fiquei lá até o final...

Protagonistas – Voltando ao trem...

Thomaz – Pois é, me lembro até hoje do cheiro das revistas que o cara vendia no trem. E era O Cruzeiro.

Protagonistas – Era uma revista poderosa, não é mesmo?

Thomaz – Ele não vendia nenhuma outra, só O Cruzeiro.

Protagonistas – Era um prenúncio...

Thomaz – Eu sempre gostei de revista, tanto que tenho uma coleção. Eu tinha inclusive coleção de número um de revistas, que agora está desfalcada porque eu parei de juntar.

Protagonistas – Quantos exemplares tem essa sua coleção?

Thomaz – Eu e o **Zé Francisco Queiroz**, diretor de Comunicação e Marketing da SS Cosméticos, braço do Grupo Silvio Santos, que tem uma coleção também, fizemos uma exposição na Associação Paulista de Propaganda muitos anos atrás e havia uns 50 exemplares. Eu tenho o primeiro número da Fatos e Fotos, talvez seja a minha mais valiosa preciosidade. Tenho a coleção da Senhor, da primeira Senhor, editada pelo **Nahum Sirotsky**, que até hoje considero uma revista excepcional, um exemplo de



Thomaz Souto Corrêa

talento, de revista bem editada. Como se vê, sempre fui muito revisteiro, no sentido de comprar revistas...

Protagonistas – Isso começou antes ou depois de entrar na Abril?

Thomaz – Muito antes. Playboy, por exemplo, era uma revista que eu gostava de ler. Claro que era uma revista de mulher nua (risos), não vamos esconder essa atração, mas eu gostava da revista, e a lia porque publicava grandes autores. Playboy dos anos 50 era uma coisa muito bem feita, muito bem escrita, muito bem ilustrada. As ilustrações eram dos grandes artistas plásticos americanos. Os escritores eram do nível do Hemingway, que também, se não me engano, escrevia para a Esquire... Como vinha pra cá, eu comprava.

Protagonistas – E tudo bem em casa? (risos)

Thomaz – Tudo bem em casa. Digamos assim que os pais eram liberais nesse sentido.

Thomaz – Lembro que se guardava um exemplar de cada revista... Quando eu precisei um, me cortou o coração: tinha uma página rasgada. Tinha arrancado a página daquele exemplar que era único. Uma falta de respeito. Falta de educação.

Protagonistas – Provavelmente você vai ter que contratar uma pessoa pra arrumar tudo lá...

Thomaz – Não, quero eu mesmo organizar. Eu quero ver! Se não, vou morrer e vai ficar tudo em caixa. Eu quero ver, pô!

Protagonistas – Na entrevista do **Roberto Civita** para esta série [N. da R.: Protagonistas 9, de 30/7/2007, disponível em www.jornalistasecia.com.br], ele falou que uma de suas lembranças, do tempo dos filhos pequenos, era que chegava sábado e domingo e tinha aquele monte de revistas para olhar... Era uma das coisas de que ele se lamentava um pouco, por não ter convivido tanto com os filhos...

Thomaz – Eu, como revisteiro, tenho pavor dessa pilha de fim de semana! (risos) Como se forma essa pilha? “Oh, legal essa matéria... Essa eu preciso ler qualquer hora...

Protagonistas – Ninguém ainda te convidou para um teste de DNA... (risos)

Thomaz – Ainda não! (risos) Minha atual mulher tem quatro filhos e a do primeiro casamento tinha duas filhas. Então, para quem não queria ter filho, tenho até neto! Mas eu não quis ter filho nenhum...

Protagonistas – Como você foi parar no Estadão?

Thomaz – Por intermédio do Paulo Vilaça, meu professor de Português no Mackenzie. Que depois virou ator, ficou famoso!

Protagonistas – Ficou nove anos no Estadão, abandonou o curso... Em que momento caiu a ficha de que o jornalismo era...?

Thomaz – Sempre gostei dessa coisa de escrever e ler... Quando percebi que ganhava a vida escrevendo, pensei: oba, é bem melhor do que ser economista!

Protagonistas – Mas você já estava no Estadão?

Thomaz – Sim. Aprendi a escrever no

Protagonistas – Sem contar que, pelo visto, você começou a trabalhar muito cedo.

Thomaz – É verdade. Comecei a trabalhar muito jovem no Estadão. E, naquele tempo, jornalista precisava ter quatro empregos. Só no Estado eu tinha dois. Era redator da Internacional e escrevia para o Suplemento Feminino. Mas também assinava uma coluna na Visão, chamada *Eles e Elas*, e trabalhava para o jornal do pai de um amigo...

Protagonistas – A Visão do tempo do Said Farhat?

Thomaz – Acho que o Said Farhat veio

depois. Meu chefe era o **Hideo Onaga**. E eu tinha essa coluninha, chamada *Eles e Elas*, que supongo ter sido a primeira. Ninguém tinha coluna.

Protagonistas – Voltando às coleções, elas estão na sua casa?

Thomaz – Não. Tenho um estúdio na Faria Lima junto com uns amigos... Me deram duas salas e uma delas é um enorme quarto de despejo de revistas. Mas há preciosidades lá. Preciso arrumar tudo aquilo...

Protagonistas – A Abril tinha um arquivo chamado Arquivo Eterno...

“

Quando percebi que ganhava a vida escrevendo, pensei: oba, é bem melhor do que ser economista!

”

Esse livro eu preciso ler”. (risos) Então, chega na sexta-feira, está com uma pilha desse tamanho e na segunda-feira joga tudo fora! (risos) Porque não leu nada! (risos) Eu tenho pavor dessa pilha! (risos)

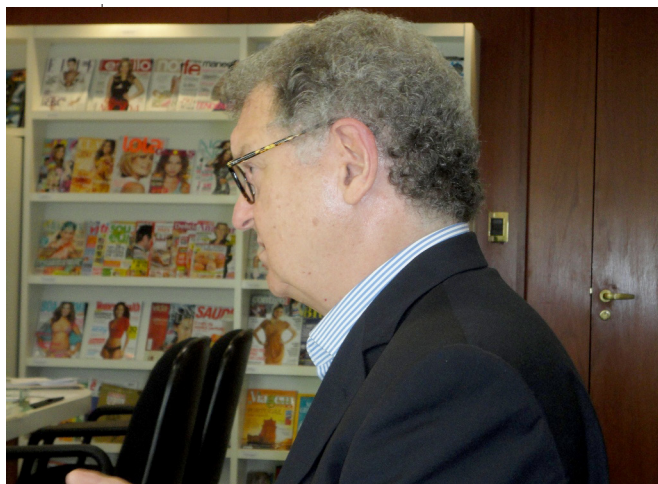
Protagonistas – Falando um pouco mais da sua infância, como era o seu tempo de menino? O que você curtiu mais? Era um bom estudante?

Thomaz – Ah, sim... Era. No curso primário, éramos eu e a Ana Sônia. Ou ela era a primeira e eu o segundo ou...

Protagonistas – Quem é Ana Sônia?

Thomaz – Sei lá, só lembro o nome! (gargalhadas) Tomara que ela não leia isso... Eu era CDF. Depois, quando passei para o Científico, vagabundeei um pouco. Mas, assim, criança, as férias eram na fazenda dos primos em Mirassol. Todas as férias eram em Mirassol.

Protagonistas – A família da sua mãe era de lá?



Thomaz – Sim. Eram quatro famílias ligadas em Mirassol. Enfim, era muito gostoso porque eu via os meus primos todos... Já havia as primeiras menininhas pelas quais a gente se apaixonava...

Protagonistas – Você tem filhos?

Thomaz – Meus, não. Mas herdei um monte. Pessoalmente, nunca fiz. Quer dizer, não sei... (risos)

Estadão. Meu professor foi o **Oliveiros S. Ferreira**, que era um chefe duro, exigente. Sempre brinco que aprendi com ele e com o Fidel Castro, que fazia aqueles discursos intermináveis de quatro horas ou mais. E toda a vez que ele fazia um daqueles pronunciamentos era aquela tripa sem fim saindo do teletipo: Tchec! Tchec! Tchec! (risos) E você tinha de pegar tudo aquilo e transformar em algo legível, cortando e reescrevendo. E o Oliveiros é que ajudava a editar aquelas coisas.

Protagonistas – Quem mais você teve lá?

Thomaz – **Frederico Branco**, **Lívio Xavier**, **Giannino Carta**, que era pai do **Mino Carta**... E o **Ruy Mesquita**, que era o nosso diretor. Era o Estadão do **Claudio Abramo**, mas a Internacional era uma república independente, cujo chefe era o Ruy. E era bom, hein? (risos) Ele era bom... Mas aí um dia o Giannino Carta chegou para mim e disse: “Olha, o meu filho **Luís**” – eu nunca

tinha ouvido falar dele... – “está trabalhando numa editora nova e queria muito te conhecer”. Eu disse: “Vou lá com o maior prazer”. Fui lá ver o Luís...

Protagonistas – Em que ano foi isso?

Thomaz – Acha mesmo que eu vou saber? (risos)

Protagonistas – Mas era década de 50 ou 60?

Thomaz – Eu comecei na Abril em 1963, mas já colaborava antes, logo depois que conheci o Luís...

Protagonistas – Então era anos 60...

Thomaz – Acho que sim. Bem, mas aí eu fui conhecer o Luís, num prédio da rua João Adolfo. Quando entrei e o vi, pensei: “Eu o conheço de algum lugar...”. Ele e o irmão tomavam o mesmo ônibus que eu para voltar para casa, no Jardim Paulista. Conhecia do ônibus... “Ei, rapaz, é você e tal...!”. Mas o Luís e eu foi paixão à primeira vista. E a proposta que ele me fez



Thomaz Souto Corrêa

era melhor do que os quatro empregos... Aí não teve jeito: aceitei. Mas continuei um tempo no Estado, porque não queria abandonar tudo de uma vez.

Protagonistas – *Dava status também, né?*

Thomaz – Sim, é claro, tanto que os colegas do Estado falavam: “Você ficou maluco! Que história é essa de trabalhar em uma editora de que ninguém ouviu falar, ninguém conhece? Ficou louco?”.

Protagonistas – *E o Estado era o principal jornal do País...*

Thomaz – Era uma coisa fantástica. Vários

furos! “Ficou maluco?” E eu falei: “Olha, vou trabalhar lá, mas fico aqui...”.

Protagonistas – *A Abril tinha o quê? O Pato Donald...*

Thomaz – Tinha também Claudia, Quatro Rodas e Manequim. Uma vez encontrei o Juca Chaves e ele tinha feito uma música para o lançamento de uma revista chamada Claudia. E eu perguntei: “E aí, como é que é? Estão me convidando para trabalhar lá...”. E ele: “Ah, vai sem medo... São uns italianos muito simpáticos!”. (risos) Essa foi a recomendação e a referência do Juca.

Ir para uma empresa que estava usando música para promover uma revista... Nunca se ouvira falar nisso antes por aqui. Era uma coisa nova, uma outra visão... Oficialmente comecei em junho de 1963.

Protagonistas – *E o que ele viu em você?*

Thomaz – Eu era conhecido pela coluna do Suplemento Feminino, em que falava da noite, de arte... Por isso o Luís mandou me chamar. E falou: “Você tem um jeito legal de escrever e acho que vai dar muito certo conosco”.

Protagonistas – *Passava alguma coisa pela sua cabeça na época, como “essa é a empresa da minha vida”...?*

Thomaz – Não. Fui ficando. Bastante... (risos). Décadas! Daqui dois anos serão 50 anos de Abril, embora de jornalismo sejam mais.

Protagonistas – *Mas não fez festa, né? Tem que fazer uma festa...*

Thomaz – Mas vocês acham que é coisa que mereça? (risos) Até que me deram

“

*Fui ficando. Bastante... (risos).
Décadas! Daqui dois anos
serão 50 anos de Abril.*

”

um jantar simpático... de 50 anos de jornalismo.

Protagonistas – *Qual a função que ocupava quando veio para a Abril?*

Thomaz – Comecei na Revista Claudia e éramos dois redatores: eu e o **Reginaldo Fortuna**... O Fortuna era redator principal e eu era redator-chefe de mim mesmo. (gargalhadas) E ele era principal dele mes-

mo. E a gente escrevia a revista inteira às gargalhadas! Um dia chego lá e tá o Fortuna rindo. Perguntei: “O que foi?”. Ele respondeu: “Olha só a receita que a mulher mandou: ‘primeiro, depena-se a galinha...’”. (gargalhadas) Sabe aquela história de manual japonês: “Primeiro se liga na tomada, depois aperta do botão...”?. A gente se divertia...

Protagonistas – *Uma revista feminina que só tinha homem?*

Thomaz – Só tinha homem. Eu o chefe e ele o principal. Mas hoje acho que a maioria das colaboradoras são mulheres.

Protagonistas – *E o diretor, quem era?*

Thomaz – O próprio Luís Carta.

Protagonistas – *Ele também escrevia?*

Thomaz – De vez em quando cometia um texto, como se dizia antigamente... (risos) Escrevia bem.

Protagonistas – *Aí, em 1963... Véspera de...*

Thomaz – Olha só, vocês estão dando o meu livro... Porque vou contar essas histórias todas no meu livro. Isso é sacanagem... (risos)

Protagonistas – *Mas aí deverá ter outros detalhes...*

Thomaz – Ah, sim. Escabrosos, de preferência. (risos)

Protagonistas – *63 era véspera da “redentora”... do golpe...*

Thomaz – Redentora nas palavras de vocês, né?

Protagonistas – *Sim, nas nossas palavras. Você tinha alguma ligação política?*

Thomaz – Não, não tinha. Ela baixou e eu estava no jornal Estado e, de maneira geral, aquele pedaço da redação era muito longe de manifestações...

Protagonistas – *O pessoal da Internacional era mais...*

Thomaz – Mais bestinha, né?

Protagonistas – *Não, mais ligado para fora mesmo...*

Thomaz – Nesse tempo, O Estado de S.Paulo publicava todas as capas dos cadernos de domingo com artigos das re-



vistas internacionais. Ganhava todo ano o prêmio de melhor cobertura internacional. Jornal com melhor cobertura internacional e com prêmio internacional. Mas, enfim, de qualquer maneira, a gente não se envolvia, até porque não precisava. Na Abril também não... Até sabíamos de colegas, mas não nos envolvíamos.

Protagonistas – *Você tinha alguma posição política na época?*

Thomaz – Sim, tinha, mas o que eu nunca quis foi me envolver na luta armada...

Protagonistas – *Mas a gente tem vários relatos de ajuda... Como era esse ambiente quando havia essas crises?*

Thomaz – Eu tenho um caso desses de ajuda, mas não posso revelar o personagem. Lembro de eu e a minha primeira mulher andando numa noite num Volkswagen pela cidade para tirar esse personagem de um lugar e levar para outro e hospedar por algum tempo. Mas a gente era assim, ouvia

falar... Havia colegas envolvidos, mas sei lá... Tinha alguma coisa que não batia no envolvimento direto. Mas não tem nada de posição política.

Protagonistas – *E naquele período mais pesado, de censura? Embora você não estivesse ali na linha de frente das revistas do núcleo duro, como Veja, sobrava um pouco para as demais?*

Thomaz – Muito pouco. Lembro que uma vez a gente fez uma revista Claudia Moscou. Fomos para a Rússia. E quando a revista saiu, teve um coronel que mandou uma carta agressiva, dizendo que não imaginava o que uma revista feminina tinha ido fazer em Moscou. Só que já havíamos feito Claudia Paris, Claudia Londres, Claudia Europa. Por quê não fazer uma Claudia Moscou? Mas foi a única manifestação mais próxima que tive em relação à censura no trabalho que realizava.

Protagonistas – *Outro talento do meio*

revista, mas com características diferentes, é o Mino Carta. O Mino sempre fala que não perdoa as circunstâncias da saída dele da Abril. Deixa claro... Aonde ele vai, conta essa história... Como era a sua relação com ele nos tempos de Abril, se é que vocês tiveram alguma proximidade?

Thomaz – O Mino, para mim, era irmão do Luís, mais do que ser colega de Abril. Tive pouco contato. Do Luis eu fiquei muito amigo.

Protagonistas – *E em relação ao Roberto? Como ele recebe essa história?*

Thomaz – Eu não falo de terceiros. Pergunta para o Roberto. Para o Mino, nem precisa perguntar... (risos)

Protagonistas – *Tantos anos ligado à maior editora de revistas do Brasil, uma das mais importantes do mundo, o fizeram uma referência nessa área. Os outros campos do jornalismo, como a televisão e o rádio, nunca o seduziram?*



Thomaz Souto Corrêa

Thomaz – Eu fiz um programa de entrevistas... um *talk show* na Bandeirantes.

Protagonistas – *Você lembra quando?*

Thomaz – Quem me chamou foi o **Walter Clark** [N. da R.: produtor e executivo de televisão, falecido em 1997]. A gente se conhecia. Quando o Walter saiu da Globo e veio para São Paulo, me perguntou se eu queria fazer um programa de televisão. Eu disse: “Mas eu nunca fiz nada na televisão!”. E ele: “Vamos lá, vamos lá!”. Eu sei que não fiz nem piloto. Entrei fazendo um programa de entrevistas e fiz durante algum tempo. Tenho alguns gravados.

Protagonistas – *Era semanal?*

Thomaz – Sim. Eu gostava muito de fazer, mas me ocupava. Não era pelo trabalho físico, mas sim pelo mental. Você tem que ficar ligado o tempo todo para saber quem vai convidar, pesquisar para fazer uma boa entrevista. Aí desisti.

Protagonistas – *Qual era o nome do programa?*

Thomaz – Isso, e que depois não deu em nada. Mas aí a Abril fez MTV e TVA. Mas aquela foi uma experiência que durou pouco e eu fiz um programa. Assim, de experiência em paralelo foi isso.

Protagonistas – *Mas nunca te seduziu a ponto de você...*

Thomaz – A ponto de abandonar tudo? Não. Talvez tenha sido um erro...

Protagonistas – *E na Abril? Quais foram os principais divisores da sua carreira?*

Thomaz – A história é esta: eu era diretor de uma revista feminina, depois virei diretor de grupo de revistas femininas... só ligado ao editorial. Aí me tornei diretor editorial e comercial do grupo de revistas femininas e depois, diretor editorial e comercial do grupo de revistas femininas e masculinas. Aí vieram Quatro Rodas, Playboy, Placar... Um dia o *seu* Victor chamou dois executivos para serem os dois primeiros vice-presidentes da Abril: o **João Gomes**, que era da gráfica, que virou vice-presidente industrial, e eu, que virei vice-presidente executivo.

Protagonistas – *Quais foram suas fontes de inspiração no início da carreira?*

porque me considero aluno deles. O resto não, era gente que conhecia e trocava informações. Esse *networking* internacional me deu muita informação.

Protagonistas – *Podemos dizer que, de um tempo para cá, o inverso também se deu, não é? O trabalho da Abril acabou influenciando muita gente.*

Thomaz – É verdade. Eu e o **Carlos Grasseti**, diretor de Arte, vamos para a África do Sul fazer consultoria de revista para os sócios da Abril. E lá somos o Jan White. Levamos um conhecimento que eles ainda não têm e somos recebidos maravilhosamente bem. Hoje isso é uma rede mundial e você tem que participar dela para se manter informado. Conferências internacionais, conferências de revistas americanas às quais não ia nenhum outro brasileiro... Por muitos anos fui sozinho e depois começaram a aparecer outros. Aliás, outros de dentro da própria Abril. Depois

Thomaz – *Bastidores.*

Protagonistas – *Lembra de alguns nomes que tenham passado por ele?*

Thomaz – Cauby Peixoto foi e cantou *Bastidores*... Era a vinheta do programa! Depois a Abril fez uma experiência na Gazeta...

Protagonistas – *Vamos olhar no YouTube depois... Será que tem?*

Thomaz – Para com isso! Eu tenho história... Fiz uma entrevista com a Xuxa que é memorável. A Xuxa era a menininha mais bonita que eu vi... parecia um pêssego!

Protagonistas – *Naquela época deveria ter uns 17/18 anos. Teria sido quando ela fez Amor, estranho amor, em que ela aparece nua, seduzindo um adolescente?*

Thomaz – Tinha uns 18 anos... Acho que ainda não tinha feito o filme. Isso no YouTube ia dar um dinheiro... Eu nem sei... Isso dá dinheiro?

Protagonistas – *Não! (risos)*

Thomaz – Aí a Abril fez uma experiência que chamava TV Abril, na Gazeta. E eu tinha um programa de entrevistas.

Protagonistas – *Um embrião da divisão de tevê da Abril...*



“Não é para desenhar a revista de uma forma que dificulte a mensagem que estamos querendo passar. Temos que pensar no leitor.”

Thomaz – Apreendi muito com dois americanos, **John McCarter** e **Jan White**, autor do livro *Editing by Design*... Mas é importante ressaltar que curiosidade é uma característica fundamental nessa nossa profissão... Quando fui fazer um estágio com o John McCarter, tive uma aula de bom senso. Coisas que uso até hoje. Não é para desenhar a revista de uma forma que dificulte a mensagem que estamos querendo passar. Temos que pensar no leitor. Ele dizia assim, lá em Nova York: “Minha maior preocupação quando chego ao trabalho é tentar saber o que a leitora do meio oeste americano está pensando dessa matéria que fizemos”. Isso é um senso de realismo muito legal, que aprendi com ele. Depois vem o Jan White, que é

o teórico da edição e do desenho como forma de trabalhar conjuntamente para fazer uma boa revista. É uma pessoa com quem aprendi muito, por quem tenho um grande carinho. Sempre que possível nos vemos, aqui no Brasil ou mesmo em Nova York. Para mim, é um grande teórico da organização...

Protagonistas – *São poucos, não é?*

Thomaz – Além dos mencionados... quem mais? Ficava prestando muita atenção a tudo o que saía no mundo. Nessa época era assim: saía uma revista e muito rapidamente ela chegava às minhas mãos. Aí comecei a frequentar esse mundo internacional de revistas e fiquei conhecendo gente extraordinária. Ali você também aprende muito. Mas esses dois caras me marcaram, até

outras empresas começaram a participar. Mas no começo éramos uma presença meio isolada em termos de informação internacional.

Protagonistas – *Até agora foi possível identificar duas coisas que o encantam no mundo editorial: uma é o cheiro da gráfica, do papel, e outra é esse ambiente. O que mais o encanta nele?*

Thomaz – Ah... é maravilhoso! Quando faço essas viagens internacionais, adoro os jantares regados a bom vinho... (risos) Me encanta muito! (risos) Um dos livros que vou fazer quando conseguir lutar contra essa preguiça é: *Comendo com meus amigos em volta do mundo*. Vou descrever as viagens que fiz pelo mundo inteiro quando fui presidente da Fipp... São muito poucos os lugares a que não fui. E sempre era um punhado de editores de revistas que viajavam juntos...

Protagonistas – *É o seu lado gourmet...*

Thomaz – *Gourmet* não, é *gourmand*... Sem vergonha, mesmo... Comer em quantidade... Glutão... Sou mais glutão, mesmo. Fui o fundador da Revista Gula com o Roberto Civita e o **Angelo Rossi**. Eu enchia tanto o Roberto com esse negócio de comida, que um dia ele falou “ah, vai fazer essa revista!”. E aí acabamos montando a Art, que levava as nossas iniciais.

Protagonistas – *E depois vocês venderam?*

Thomaz – Depois vendemos para o **Ricardo Vieira de Moraes**. E o Ricardo trouxe o **Dias Lopes**. E o Dias ficou, depois saiu um período e voltou... e agora é isso. Agora é a Gosto, né?

Protagonistas – *Você come de tudo?*

Thomaz – Quase tudo. Acho que até cachorro eu comi sem saber, na China... (risos)

Protagonistas – *E estava bom?*

Thomaz – Dava para comer. Parecia um



Thomaz Souto Corrêa

peito de galinha meio sem graça, mas era cachorro... (risos).

Protagonistas – *Há muitos anos, num Congresso da Mega Brasil, no comecinho da internet, você disse que todos os dias morriam leitores de revista e nasciam leitores de internet. A indústria editorial já conseguiu entender esse novo mundo da tecnologia ou ainda está tentando entender?*

Thomaz – Está começando a entender. A internet tem 15 anos, né? Chutando, por aí... Esse bicho aqui [mostrando o *tablet*] tem um ano e todo mundo diz que vai ser isso e aquilo, mas ninguém faz ideia do que vai ser daqui a dez anos. Vi numa das nossas revistas que há não sei quantos modelos de *tablets*... Mas, para mim, a questão é: ainda vamos demorar algum tempo para entender aonde vai. A curva está no comecinho e não sabemos qual o ângulo de crescimento que terá. Saíram revistas americanas no iPad. Um enorme

barulho. E estão vendendo muito pouco. Não foi uma coisa que iluminou o céu. É muito complicado... Acabou de começar... Para onde vai? Primeiro, o que é um *tablet*? A primeira vez em que ouvi falar nele foi numa conferência americana... Era um protótipo... Se minha memória não estiver deletada pelo tempo e por outras coisas, acho que foi na Disney. Eles haviam desenvolvido algo parecido com um *tablet* de revista em laboratório. E aí você o levava em uma banca eletrônica, enfiava num buraco, *plufplufpluf!* apertava os botões da revista que você queria ou seja lá o que fosse e pronto, lá estava ela, como numa máquina de Coca-Cola. Botava a moedinha, apertava o botãozinho, carregava, tirava e levava para casa. Olha como o futuro é complicado! Ninguém previu que isso não ia ter fio, que seria *wireless*! Banca eletrônica... Banca eletrônica está aqui! [apontando para o *tablet*]. Eu compro revista todo dia! Ninguém fazia ideia disso... “Como pode

ser uma banca eletrônica? Como é que a gente vai fazer?”. Então, desde aquelas discussões não tínhamos muita dúvida de que o futuro das revistas ia ser uma coisa muito parecida com esse *tablet*, por causa da fórmula. Certa vez fui ao MIT [Massachusetts Institut of Technology] e vi o papel dobrável, de tinta eletrônica. E-ink. Até hoje não sei por que precisa ser dobrável. Não é que eu dobro e coloco debaixo do braço; ele é flexível. Vou ao banheiro com ele. Aí veio o Kindle. E eu achei uma porcaria. Uma telinha desse tamanhinho, em branco e preto, acinzentado. E dizia: “Qual é a tecnologia que tem nisso?”. Os mais velhos achavam o máximo...

Protagonistas – *Parece aqueles monitores de fósforo verde dos primeiros computadores...*

Thomaz – É isso... Vocês lembram? (risos) Depois fizeram maiores etc. E quando chegou esse bicho aqui [*tablet*], eu falei: “É isso aqui que estou esperando a minha

vida inteira! Faz 15 anos que estou esperando por isso!”. Vejo revista, a imagem é maravilhosa, a cor é ótima! Tem revista que está saindo lá e eu já estou baixando aqui... Antes demorava uma semana para chegar... O que vai acontecer eu não sei, mas há uma questão interessante: quando os editores de revista americanos começaram a perceber que a internet tinha vindo para ficar, passaram a pôr o conteúdo no computador, exatamente como no papel. Eles fizeram, os jornais fizeram, nós fizemos... E não era isso que o leitor queria. Ninguém vai ler jornal em um computador de mesa, mesmo em um *laptop* é complicado. E agora estão fazendo o mesmo. As revistas estão entrando aqui [no *tablet*] com a mesma cara que têm no

papel. É um noviciado, todo mundo sabe que precisa ter figurinha que mexe, que fala, infográfico, gráfico...

Protagonistas – *Linguagem multimídia...*

Thomaz – Linguagem multimídia. Literalmente. Mas ainda tem pouco. E se é para fazer gracinha, nós não estamos definindo o futuro. Fazer gracinha, qualquer um faz. Nós estamos começando a aprender como é que se faz e para onde isso vai. Acho que vai para um aparelho assim [mostra o iPhone], mas ainda estamos longe de descobrir o conteúdo que vamos fazer para um aparelho assim...

Protagonistas – *Há uma questão de fundo, que hoje todos sabe-*

mos: o tempo das pessoas é o bem mais precioso do mercado. As pessoas já não escolhem entre dois jornais, ver um ou outro programa de tevê, mas sim se vão ler jornal, ver tevê, navegar na internet... Muito em breve poderão fazer tudo isso com um aparelho de mão, não é? Para quem é um revisteiro histórico, como você, como

“O que mais me interessa hoje é saber para onde as novas gerações estão indo... Se soubermos, saberemos o que fazer...”



é essa chamada “era da portabilidade” e como lidar com a questão da audiência?

Thomaz – Vamos separar esse negócio de audiência porque isso é uma complicação. Primeiro, acho que a portabilidade abre um caminho muito interessante. Não tenho muita dúvida de que até o fim do ano que vem esse bicho aqui [o *tablet*] vai estar muito mais fininho. Muito mais leve, muito mais potente, mais rápido. A própria Apple lançou um computador que é uma folha de papel. Não! É um computador! Vocês acham que esse *tablet* vai ser o quê? Vai ser uma folha de papel! Temos que preservar a nossa relação com o leitor. Se essa relação se dá no papel, no plástico ou se dá no iPad, temos que entender direito como é que ele vai consumir esse veículo, digamos assim, para definirmos essa relação. Tenho uma tese: acho que se pesquisa muito o futuro da tecnologia e pouco o futuro do leitor. O leitor é que

vai determinar. Nós, comunicadores, tomamos uma rasteira do celular. Ninguém imaginou quando apareceu o celular, em momento algum, que ele faria o que faz hoje. O celular é um *tablet*! É que a tela é pequenininha. Eu vi um protótipo... era um filme documentário... Você pega o seu *tablet* e abre ele assim [faz o gesto de abrir o iPhone como se estivesse dobrado]. Ele fica o dobro dessa telinha aqui [do *tablet*].

Protagonistas – *Tamanho A5...*

Thomaz – Sei lá o que é isso... Aí você pega e abre [faz o gesto como se abrisse na vertical]. O seu celular vira um *tablet* desse tamanho [uma folha A4]. São quatro folhas dessa [iPhone]. Impossível? Aí você dobra, dobra e dá um celular! O que tem de maluco inventando coisas... A gente não faz ideia onde essa coisa vai chegar. Meu neto tem nove anos de idade. Daqui a dez, o que ele estará vendo? Ninguém faz ideia! Morre todo dia leitor de papel e

lápiz... Portanto, o que mais me interessa hoje é saber para onde as novas gerações estão indo... Se soubermos, saberemos o que fazer... (risos)

Protagonistas – *A Abril pretende fazer algum estudo nesse sentido?*

Thomaz – Não que eu saiba. É difícil, não é?

Protagonistas – *Tem que se associar a alguma Universidade...*

Thomaz – É preciso começar a estudar essa garotada! Meu neto mexe no iPad melhor do que eu! Parece que tem um *chip* que eu não tenho! É aí que se determina o futuro da comunicação.

Protagonistas – *Falando ainda um pouquinho sobre essa definição de futuro e passado, a própria Aner [Associação Nacional dos Editores de Revistas] acaba de lançar a sua revista em PDF... (risos) É um sintoma de que o papel ficará só para as coisas relevantes?*



Thomaz Souto Corrêa

Thomaz – O futuro do papel é outra questão. Quando o círculo der a volta completa nós não vamos mais ter papel. Mas isso levará, sei lá, uns 80 anos. Isto é, 70, porque fiz essa previsão há dez. Não sabemos ainda o que ficará no papel e o que vai para a tela.



Protagonistas – *Nessa lógica mais conservadora de que papel é documento... documento físico, registro para o futuro e que pode desaparecer com uma guerra atômica qualquer...*

Thomaz – Com uma guerra atômica vão-se o arquivo morto e o Arquivo Eterno da Abril.

E vão-se todos os cartórios desta cidade. Um tsunami leva tudo o que está em papel também. A discussão não é por aí. O papel hoje ainda é amigável... Revista... Tenho dúvidas em relação ao jornal... Acho que revista tem um tempo maior do que jornal. É muito provável que, em determinado momento, revista venha ser usada para situações especiais. Ainda não consigo ver uma linda página dupla com uma foto espetacular nisso aqui [tablet]. Ainda não! Outra coisa: essas informações de que já venderam 6 milhões

de iPads e tal. E no Brasil? Quantos iPads venderam no Brasil? Ninguém sabe. Se são 50 mil, 100 mil... fora o contrabando...

Protagonistas – *O Xing Ling... (risos)*

Thomaz – É... Isso tudo! Nem sabemos quantos iPads existem. Essa minha preocupação com o iPad ainda é muito relativa. Mexer em iPad é muito fácil. Colocar lá o vídeo de alguém cantando e tal... Vamos mexer aqui! [na revista] É aqui que tem que mexer! E para mexer aqui tem que ser muito bom! É isso que vai segurar a turma que ainda lê papel.

Protagonistas – *Se não, vai embora...*

Thomaz – É claro que vai! No tablet é muito mais divertido, eu sei disso! Mas na revista também tem que ser! E como eu seguro aqui? Esse é o nosso desafio! Não é ficar botando terceira dimensão com oculozechinhos... (risos) Isso é ridículo! Fora que ninguém vê direito. Na revista não é truque, é para valer! É nela que ainda precisamos surpreender. Agora, se essa turma

de revista, de canais digitais, sai correndo para fazer tablet e esquece revista... sem dúvida ficará a perigo.

Protagonistas – *Se essa revolução vale para os leitores, vale também para quem produz jornalismo, certo?*

Thomaz – Exato.

Protagonistas – *É o que poderíamos chamar de um gap entre as gerações. As que foram formadas pelas quatro mídias tradicionais – jornal, revista, rádio e tevê –, uma intermediária – que pegou um pouco de cada uma – e essa nova que chegou com a pegada digital, a turma que está se formando agora. Como é liderar e lidar com essas gerações em uma editora?*

Thomaz – Há uma boa notícia... Na primeira quinzena de março terminou o *Curso Abril de Jornalismo*. Eram 60 jovens, todos de certo modo com formação multimídia. Isso é ótimo, claro, mas temos de aproveitar esse potencial sem esquecer que por enquanto a nossa sobrevivência vem, de fato, do papel. Então qual é o nosso trabalho? Exatamente o de alertá-los: “Oh, aqui é o papel que dá dinheiro!”. (risos) Uso

sempre a imagem de que estamos com os pés nas duas canoas: um na mídia tradicional e outro na mídia do futuro. E temos que nos equilibrar. Se escorregar, afunda! Aí digo: cuidado, você não pode correr aqui e nem correr ali! Se correr aqui, o outro fica para trás; e se correr ali, esse fica pra trás. E a grana está aqui, no papel, certo?

Protagonistas – *Mas aí entra essa coisa de experiência e juventude de que você fala muito. Porém, o que se percebe é que, numa redação tradicional, já é muito difícil o profissional com mais de 50 anos arrumar emprego. Geralmente ele fica em uma posição periférica... vai escrever livro... A juventude é uma condição sine qua non para esse novo mundo?*

Thomaz – Lamento dizer que sim. Está

todo mundo falando de redação multimídia. O que é uma redação multimídia? Eu vi uma foto: cada jornalista trabalha com duas telas. Em uma você trabalha e na outra você se informa. A molecada que trabalha no mercado financeiro, cada um tem quatro telas ao mesmo tempo. O exercício mental muda a cabeça das pessoas. A gente passou o tempo lendo em papel. Uma tela em papel. A movimentação é fantástica! Fantástica! Acho que a juventude será necessária para lidar com essas novidades na mídia, mas ela tem que ser treinada pelos cabeças brancas! Porque se não todo o nosso conhecimento vai embora e vira pó! Eu vou lhes dar um furo... Vou escrever um livro... outro daqueles... (risos)

Protagonistas – *Outro na fila...*

Se essa turma de revista, de canais digitais, sai correndo para fazer tablet e esquece revista... sem dúvida ficará a perigo.

Thomaz – Outro livro chamado *Maldito computador*. O computador está padronizando revistas e jornais no mundo inteiro. Os truques são os mesmos! F5 4 tum! Fica tudo igual! E o subtítulo do meu livro vai ser: *Como os softwares de design gráfico estragaram as revistas no final do século XX e no começo do século XXI*. Vai vender, não vai? E vou fazer em inglês: *Damn computer!* (risos) A nossa experiência está saindo pelos vãos dos dedos! Quanta gente tem para fazer esse discurso? De sentar com o cara e falar: “Aqui é o seguinte: não faz assim... Isso aqui tem que ser lido! Está muito pequeno... E não está pequeno porque eu sou velho! Está pequeno porque está pequeno! Porque as pessoas querem ler com facilidade! Não esconda as coisas!”. Todo dia eu vejo revista e se o cara puder, ele esconde. Coitado do leitor! Então é *damn computer*, maldito computador! Sabe o numerinho

assim? E aqueles que numeram um bloco de fotografias? (risos) E você fica: número 1... número 1... número 1... Por quê? Não entra na minha cabeça. Para mim é uma burrice fora do comum, é estupidez.

Protagonistas – *Numa entrevista que você deu em 2003...*

Thomaz – Putz! Eu era uma criança...

Protagonistas – *Você estava deixando o dia-a-dia à frente do Conselho e falava da questão da sucessão. A Elda Müller, promovida recentemente, seria essa pessoa? Há outras em quem você apostaria para liderar esse processo?*

Thomaz – A Elda começou agora. E vai me acompanhar em tudo o que faço porque, daqui algum tempo, terá tudo para assumir isso aqui...

Protagonistas – *Inclusive o paredão...*

Thomaz – Inclusive *el paredón* (risos). Fora da Abril, eu não conheço ninguém.

Protagonistas – *Você e o Roberto con-*

tinuam imprescindíveis para a Abril ou a empresa já está...?

Thomaz – Ha, ha, ha (gargalha). Eu não vou nem responder isso. É óbvio que vou dizer que somos imprescindíveis por muitos e muitos anos. Enquanto permaneceremos lúcidos e ativos estaremos por aqui... (risos)

Protagonistas – *Vocês em algum momento pensaram em aposentadoria. Existe uma idade limite...?*

Thomaz – (rindo) Eu sou a prova viva de que não! (risos) Aliás, acho uma besteira, numa profissão criativa como a nossa... Ainda mais porque não é só necessário ser criativo, é preciso ter experiência. A gente vai dispensar a experiência quando o cara tem 65 anos?

Protagonistas – *Hoje, como está a média dos principais editores da Abril?*

Thomaz – Não sei, mas o que posso dizer é que muitos em postos de liderança vieram do *Curso Abril*.



Thomaz Souto Corrêa

Protagonistas – Mas o curso tem bastante tempo já...

Thomaz – Sim, eu sei... Mas mesmo assim, já tem gente jovem assumindo funções de maior responsabilidade. E é um aproveitamento fantástico. Porque é um treinamento. Você não vai ter isso na escola.

Protagonistas – Várias gerações de profissionais passaram por suas mãos e por dezenas revistas que comandou... Dá para notar diferenças entre elas?

Thomaz – O que posso dizer é que quanto mais idade, melhor e mais apurada a formação. As pessoas que conheço e que hoje estão na faixa dos 50 anos são bem formadas. E não foram bem formadas por escolas, e sim por esforço próprio. Leram o que tinham que ler... Estudaram por conta. Quanto mais jovem, mais a tecnologia impacta. Os jovens que eu conheço querem fazer cursos de webdesign. Está certo. Tem oportunidade para webdesigner

estão fazendo lá no exterior?”. Tem uma expressão que os americanos usam: “Levanta a barreira para o cara pular... Levanta a barreira sempre que der, para o cara ficar melhor”. É uma atitude que permeia até hoje a Abril e que deve explicar muito isso. Muito treinamento, muita informação... acho que é isso.

Protagonistas – Há na Abril algum temor que essa mudança tecnológica possa promover alterações no jogo?

Thomaz – De surgirem concorrentes?

Protagonistas – Sim... Como vocês trabalham esse posicionamento?

Thomaz – É difícil dizer o que vem por aí. Eu fiz uma palestra no Mississipi no ano passado chamada *O futuro não existe*. Uma besteira, né? O futuro não existe, o futuro é agora... o que estamos vivendo, né? Que futuro é esse de que todo mundo fica falando? É muito difícil... Não faz sentido não aparecer um concorrente neste País. Em todos os países isso aconteceu. Vai ser uma brigona, porque a Abril não é só qualidade editorial. Abril é distribuição, é máquina de assinatura, tem os melhores

em tudo quanto é lado. *Design* gráfico... Uma diferença é essa. Ninguém lê mais... ninguém lê livro...

Protagonistas – Ninguém estuda mais Filosofia...

Thomaz – Pois é. O **Eugenio Bucci** diz sempre: “Eu não sei por que jornalista acha que não precisa estudar”. Me perguntaram uma vez qual leitura seria importante para a formação do jornalista. Eu disse: “A obra completa de Eça de Queiroz e a obra completa de Machado de Assis”. Se você quer escrever com estilo, leia quem tem estilo. No mínimo! Mas não vale ler gibi, né? Acho que, se há uma diferença, é essa. Mas vai ver esses jovens estarão bem formados daqui a uns dez ou 15 anos. Eu não devo estar aí, né? (risos) Vocês me contam... (risos)

Protagonistas – Já com mais de 60 anos de vida, a Abril, desde que assumiu a liderança do mercado de revistas, nunca mais perdeu. E não houve nesse período

vendedores de espaço deste País... A Abril é uma maquinona que torna muito difícil a entrada de alguém que tenha intenções sérias. Mas não quer dizer que isso um dia não vá acontecer.

Protagonistas – E essa mudança de tecnologia?

Thomaz – A mudança de tecnologia influi no negócio tal qual ele é definido hoje? Acho que não. Vai aparecer alguém aqui fazendo revista maravilhosa no iPad, com os 150 mil iPads que tem no Brasil? É possível que sim, mas não vai vender nada. De todo modo, acho impossível que um dia não apareça alguém. Mas no curto e médio prazo penso ser muito difícil.

Protagonistas – Você tem ideia de quantos títulos já lançou e fechou na Abril?

Thomaz – Eu? (risos) Eu fiz essa conta uma vez, mas não lembro. E não foi assim, que eu lancei e fechei... Sempre foi uma decisão complicada. Não sei dizer. Muitos.

Protagonistas – Qual foi a decisão mais difícil? Mais triste...

Thomaz – POP... Quando a gente matou

empresa que fizesse sombra a ela. Aliás, é a sombra da árvore da Abril que está presente em todo o País. Que poder é esse que inibe, mesmo grandes corporações, de sombrearem a Abril? A não ser em casos pontuais que, quando aparecem, a Abril trata logo de comprar, como foi o caso de *Tititi*... ou se associar, como foi o caso de *Caras*. Qual é o segredo da Abril?

Thomaz – Acho que o grande segredo é a atitude do seu Victor, antes, e agora do Roberto. Faz toda a diferença. Para o seu Victor, no tempo dele, e o Roberto, já há algum tempo, negócio de revista sempre foi a coisa mais importante. Não vejo isso em outras editoras. Segundo, nós, por influência até do próprio Roberto, sempre fomos muito bem informados do que estava acontecendo no mundo. Tanto que a nossa maior preocupação não era o concorrente interno... O chamado *benchmarking* não era aqui, e sim lá fora. “Como é que eu faço para ficar tão bom quanto o que

a POP, porque não tinha anúncio, ela vendia cerca de 100 mil exemplares...

Protagonistas – Você sabe qual é o ponto de equilíbrio de uma tiragem em uma editora como a Abril?

Thomaz – Não sei como anda. É alto, porque você tem a gráfica e tal. Mas assim... Há revistas com viabilidade só de banca...



mas cada vez menos. Precisa ter viabilidade publicitária e a POP não tinha.

Protagonistas – Dizem que uma editora de revistas precisa ter sempre bons lançamentos... Ainda mais uma editora líder como a Abril. No entanto, embora tenha lançado alguns títulos nos últimos anos, não houve na empresa um lançamento que enchesse os olhos do público. Algo que entrasse para o portfólio das grandes revistas do País. Pelo menos essa é a nossa percepção. Não sei se é a sua também. O que explicaria esse panorama? A Abril já lançou todos os títulos de que precisava? (risos)

Thomaz – Não... não. Isso nunca vai acontecer. A Abril lançou no ano passado uma revista chamada *Minha Casa*. Quando vocês falam “encher os olhos do público”... De que público? De público geral, uma segunda Veja? Isso não tem mesmo. Revista é uma coisa segmentada por natureza. A *Minha Casa* é um sucesso extraordinário

“ Se você quer escrever com estilo, leia quem tem estilo. No mínimo! ”

e as outras vão indo bem. Você não tem uma coisa de “Nova York parou para ver a nossa revista”, mas quando vejo a média do que acontece com uma revista, acho a *Minha Casa* uma coisa excepcional.

Protagonistas – Hoje está tirando quanto?

Thomaz – 200 mil exemplares. Mas há outras. Alfa, Lola e Máxima, por exemplo, estão cumprindo o seu papel. As coisas nesse mercado nem sempre andam na velocidade que desejamos. É muito lento. Por que eu destaquei a *Minha Casa*? Porque ela pegou na veia muito rápido. As

outras estão seguindo uma trajetória mais típica desse mercado.

Protagonistas – Os investimentos da família Civita têm se voltado muito para o segmento educacional. Imaginamos que seja dentro daquele princípio de dividir os ovos em várias cestas. Isso entra na discussão do conselho editorial?

Thomaz – No conselho editorial, não. Essa é hoje uma questão de estratégia, basicamente tratada pela família. A educação sempre foi uma questão tratada pela família. Mas mesmo estando fora disso,



Thomaz Souto Corrêa

acredito que, sem dúvida, a educação pode vir a ser um segmento importante de negócios para a Abril.

Protagonistas – Se você estivesse entrando hoje no mercado, apostaria novamente no mercado editorial? Tentaria ser um revisteiro digital?

Thomaz – (pensa muito) Ah... acho que eu queria ser cozinheiro... (risos) Não, porque trabalha muito...

Protagonistas – Gourmand... gourmet...

Thomaz – Gourmet não... Eu seria um gourmand! (risos). Provavelmente estaria em comunicação. O meu fascínio por revista foi... amor à primeira vista. Talvez eu gostasse de brincar com revista digital. Talvez... Quem vai me pagar os cursos? Eu não! Façam vocês lá! (risos)

Protagonistas – Que outros revisteiros você destacaria no mercado internacional e no Brasil?

Thomaz – (pensa bastante)... Como é que eu faço para não ser injusto? No cenário

internacional, hoje tenho uma profunda admiração pelo meu amigo... Pelo meu amigo alemão... (pensa muito).

Protagonistas – Alzheimer? (risos)

Thomaz – (risos). Esqueci o nome dele....

Axel Ganz! Foi o editor da Gruner&Jahr que comandou a entrada da editora alemã na França. Em pouquíssimo tempo conquistou uma fatia importante do mercado francês, dominado pela Hachette. Revisteiro, no Brasil, eu sempre cito o **Nahum Sirotsky**. Esse cara foi fantástico! Está em Israel. Ele tem um *blog*. De vez em quando

falo dele... Olha que coisa interessante: falo dele em público e no dia seguinte recebo uma mensagem do Nahum. A Manchete teve um cara fantástico chamado **Justino Martins**. Esse cara fazia uma Manchete muito interessante. Considero o Roberto Civita um revisteiro importante... Revisteiro, revisteiro, né?

Protagonistas – Que tenha pegada...

Thomaz – É, e que tenha feito coisa importante.

Protagonistas – Os grandes marcos do meio revista...

“Eu fui criado em um sistema de separação Igreja-Estado, isto é, comercial não invade espaço editorial. Vai dar uma embolada feia por causa do digital.”

Thomaz – Brasil ou mundo?

Protagonistas – Os dois...

Thomaz – Fiz um ensaiozinho de história das revistas. Não é a história das grandes revistas, mas das ideias que geraram as grandes revistas. São algumas poucas. Uma delas é Time, que gerou cópia no mundo inteiro, inclusive a nossa Veja. National Geographic, que é uma coisa muito importante e também rodou o mundo inteiro. Lembro de um tio em Mirassol que tinha coleções, estantes amarelas de National Geographic. Hoje também tem edição no mundo inteiro. Acho que a invenção de Seleções foi muito importante, uma sacada! **Arnold Gingrich**, que fez Esquire, criou um jeito de uma revista masculina que está aí até hoje... O **George Lois** está aqui. Fez uma palestra hoje [N. da R.: 28/3/2011]. E as capas dele eram uma coisa fantástica. Outro é o sr. **Hefner** [Hugh, criador de Playboy], que tirou a roupa da moça pela primeira vez, coisa que ninguém tinha feito até então. E tirou a roupa da garota do vizinho... e foi copiado no mundo inteiro... É uma fórmula, enfim. A Elle, que é uma revista de pós-guerra fran-

cesa feita pela *madame Lazareff*, também está aí até hoje. É uma coisa de autoestima da mulher, importante, com várias edições pelo mundo também. A **Helen Brown**, com a Cosmopolitan, com 60 e tantas edições no mundo. Ela provou que no mundo inteiro as jovens leitoras têm os mesmos problemas. São pessoas que estão no meu *hall* da fama, por terem criado coisas que influenciaram o mercado editorial e o mundo. No Brasil eu reconheço como coisa importante O Cruzeiro... Teve uma época em que o nosso **Chateaubriand** [Francisco de Assis Chateaubriand **Bandeira de Melo**, o *Chatô*] juntou uma equipe de escritores no Cruzeiro. E artistas plásticos. O Di Cavalcanti fazia capa para O Cruzeiro. Realidade era importante, uma sacada...

Protagonistas – E era uma fórmula quase única, não é? Houve algo igual no mundo?

Thomaz – Que eu saiba, não.

Protagonistas – Ela teve um momento único...

Thomaz – E destaque Veja, não porque

seja original... Ela é uma *newsmagazine* como as outras... Mas Veja é a única semanal de informação no mundo que é a maior revista do País. Em nenhum outro lugar uma semanal de informação é a maior revista do país.

Protagonistas – Falando um pouco sobre publicidade [Thomaz solta um gemido], o



que vai acontecer com esse segmento? E essa questão dos links patrocinados, dos Googles da vida, que já começam a absorver parte dos investimentos em publicidade?

Thomaz – Acho que vem um *imbroglio* aí que vai ser de difícil administração. Eu fui criado em um sistema de separação Igreja-Estado, isto é, comercial não invade espaço editorial. Vai dar uma embolada feia por causa do digital. Já vejo um pouco disso em *sites*. E não vejo a publicidade procurando caminhos para explorar esse mundo digital com clareza. Nem lá fora. Está todo mundo desesperado. Participei desse encontro no Mississippi e havia diversos *publishers* presentes. Depois houve uma discussão e os americanos estavam desesperados para saber como ganhar dinheiro com esse bicho [o *tablet*]. E ninguém tem ainda resposta ou alguma proposta. Quem tiver vai ficar milionário. Não sei se é o Google,

mas acho que vai dar uma embolada no jogo, infelizmente.

Protagonistas – E a concorrência de empresas que não são tradicionais em mídia mas têm tecnologia, fluxo de caixa, verba, recursos quase ilimitados. Isso também contribuirá para embolar esse meio de campo?

Thomaz – Acho que vai embolar muito. Porque você abre uma revista americana no iPad e não há nenhuma em que você não clique no botão e não apareça um vídeo vendendo o produto do anunciante. Tem uma revista que é assim: você pode comprar tudo o que ela mostra. Bom, mas se pode dizer que isso é mais um serviço que ela presta. Sim, mas fazemos isso hoje? Não. E por quê vamos fazer? Porque é uma nova mídia...

Protagonistas – Ou seja, teremos pela frente questões éticas para administrar, não é mesmo?

Thomaz – Sim, isso tudo envolve questões éticas. É aí que entra a questão Igreja-Estado. Acho que a Igreja vai ter uma briga com o Estado e vão desaparecer os dois.

Protagonistas – Mas hoje não temos revistas de moda em que, lá no final, há uma lista de endereços e telefones de tudo?

Thomaz – Sim senhor. Se a leitora quiser comprar uma roupa que ela viu na matéria e tiver saco de procurar na lista... Que é feito tudo desse tamanho [mostra com os dedos as letras miúdas dessa lista]... Ela vai ligar e perguntar: “Onde é que eu encontro o vestido e tal?”. Nos *tablets*, com um toque ela tem a informação à disposição e pode sair comprando... Tem, aliás, uma revista digital feita exatamente dessa forma. Você pode comprar tudo!

Protagonistas – Do ponto de vista do leitor parece fantástico.

Thomaz – Do ponto de vista do leitor é um



Thomaz Souto Corrêa

serviço. Do ponto de vista que eu estou influenciando alguém e que alguém está se beneficiando, é transparente? Não, não é. Mas será que o meu neto vai se preocupar com isso? E se ele não vai se preocupar, por que eu devo ficar procurando caminho? Vamos viver de comissão de roupa?

Protagonistas – Que avaliação você faz



do jornalismo hoje? Onde somos fortes e onde precisamos melhorar?

Thomaz – Olha, eu não gosto de ser crítico do jornalismo brasileiro de uma maneira geral, porque a gente sabe das dificuldades que ele enfrenta. As redações foram enxugadas, a crise bateu, não há dinheiro e as escolas não ajudam... Então, acho muito difícil ser crítico... isto é, é muito fácil ser crítico. De maneira geral, creio que já foi muito melhor. E digo isso por duas razões: qualidade de texto e de edição. Não edição de texto... Edição, organização de fotos e textos. Por esse lado vejo que regredimos. E qualidade de texto, para mim, é uma coisa em que estou ficando muito radical. Se começo a ler uma matéria e não entendo no primeiro parágrafo, não leio mais. E desconfio que o leitor também não. Você deu aquela primeira linha ali... Como é que é mesmo? Vou ler de novo... O “vou ler de novo” mata. Considero o nosso texto, de maneira geral, ruim. Por isso recomendo

ler Machado de Assis. Você não sabe mais onde começa e onde acaba... É um desrespeito ao leitor. E eu não gosto disso.

Protagonistas – Indo para Veja, à qual você nunca esteve diretamente ligado...

Thomaz – Pode perguntar.

Protagonistas – Ao longo dos oito anos do governo Lula, Veja foi uma das mais críticas, mais duras. Ouvia-se, entre os defensores do Governo Lula, que ela fazia parte do PIG – Partido da Imprensa Golpista. Acendia o pavio e aí vinham, na sequência, TV Globo, Estadão, Folha e O Globo.

Thomaz – Esse era o PIG? Veja, Globo, Estadão e Folha?

Protagonistas – Essa era a sequência de que se falava...

Thomaz – Um grande complô? Todo mundo se juntava no fim de semana e decidia para onde iam...? No comments! (ri) Sem comentários...

Protagonistas – Sua amizade com Roberto Civita é longa, duradoura e, como todos

sabem, extrapola o ambiente da Abril. Você próprio disse que pensam de forma parecida e complementar. Nos momentos mais difíceis, essa amizade chegou a correr algum risco? Vocês continuam a se ver com frequência?

Thomaz – Não, nunca correu risco e a gente continua a se ver com certa frequência. A verdade é que a nossa diferença de idade é pequena e durante todo esse tempo eu estive muito perto do Roberto... sempre. Ele sempre concordou comigo e eu com ele. A nossa formação é muito parecida. Concordamos até em coisas mínimas. Não há conflito. Brinco que nós formamos o casal mais antigo que conheço. (risos) Nosso casamento é mais longo do que

qualquer casamento dele ou meu. Já era para ter dado divórcio. Mas estamos aí, felizes e contentes.

Protagonistas – A Abril sempre esteve antenada aos grandes lançamentos internacionais e trouxe vários deles para seu portfólio. Há títulos no exterior em que a empresa esteja de olho, mesmo que não possa revelar quais?

Thomaz – Eu não tenho mais papel executivo nenhum nessa história. Se considerar interessante algo que esteja acompanhando, falo: “Fica de olho nisso aqui porque é capaz de ir bem...”. Tenho um radar permanentemente ligado nisso aí e a Abril também, até porque vai continuar sempre precisando disso.

Protagonistas – Nessa nova fase... de semi-aposentadoria...

Thomaz – Digo que eu sou um aposentado burro! Trabalho feito um burro de carga! Saio daqui às oito horas da noite! Que aposentado é esse? Que meio aposentado é esse? (risos)

Protagonistas – Mas você tem aproveitado para viajar e conhecer melhor ainda mais outras experiências mundiais?

Thomaz – Agora eu viajo para comer e beber...

Protagonistas – Mas você tem conseguido fazer isso?

Thomaz – Não! (gargalhadas) Muito menos do que eu gostaria. (risos)

Protagonistas – Você tem ideia do tamanho do mercado brasileiro de revistas, e da Abril nele?

Thomaz – Algo em torno de 439 milhões de exemplares por ano. É um número *per capita* baixíssimo. A informação interessante, mas que precisa ser checada, é que as revistas chamadas populares, em 2010, representaram 50 milhões de exemplares desses 439, ou seja pouco mais de 10%.

“Se começo a ler uma matéria e não entendo no primeiro parágrafo, não leio mais. E desconfio que o leitor também não.”

Mesmo a tiragem geral: se a compararmos com a população do Brasil, vamos ter pouco mais de dois exemplares por habitante, por ano. É nada! Mas sempre foram dois por pessoa, não está crescendo. O que está acontecendo é interessante? Bom, tirem as suas conclusões...

Protagonistas – Como está a associação da Abril com os sul-africanos? Você já deu uma palhinha de que vai lá de vez em quando...

Thomaz – Eu vou lá. Eu inclusive gosto de ir lá, me divirto muito com eles.

Protagonistas – Tem alguma coisa aí no caminho?

Thomaz – Não que eu saiba.

Protagonistas – Voltando à questão da distribuição, onde a Abril, por força das aquisições realizadas nos últimos anos, detém praticamente o monopólio do mercado. Como recebe as críticas?

Thomaz – Não vou responder pela Abril.

Não posso fazer isso. Posso dar uma opinião pessoal, mas isso não vale nada. Se eu fosse executivo, falaria, mas não sou.

Protagonistas – Tecnicamente, como se monta a estratégia de uma revista, entre assinatura e banca? Com qual encalhe a empresa procura trabalhar?

Thomaz – Encalhe eu não sei. Estratégia de assinatura e banca depende muito da estrutura editorial. Que tipo de revista você está fazendo? Se é uma revista de consumo imediato, de impulso de compra, é banca... Ela será sempre importante na banca. Se é uma revista em que a fórmula editorial é mais importante do que a venda por impulso, ela é ideal para assinatura. O assinante vai receber a revista em casa todo mês, semana ou quinzena e não estará muito preocupado com o impulso.

Protagonistas – E a Abril trabalha bem os dois públicos?

Thomaz – Aí é aquela história das revistas.

Não sei quanto é na Abril, mas os assinantes representam bem mais que a metade.

Protagonistas – Incluímos a questão do encalhe por ser uma questão crucial para as editoras...

Thomaz – É um custo quase fixo. E se quiser colocar em banca e ter uma ampla distribuição para vender mais, terá de incorrer nesse custo mesmo. Mas agora eu não sei em que patamar está.

Protagonistas – A Abril sempre fez vultosos investimentos no parque gráfico. Hoje, com a audiência migrando cada vez mais, muda alguma coisa nesse sentido?

Thomaz – Ah, não sei. De novo, não quero falar sobre isso. Mas diria assim: tem que investir nos dois. Já pensaram no que teria acontecido se tivesse parado de investir em gráfica quando inventaram o computador?

Protagonistas – É a história de ter um pé em cada canoa...



Thomaz Souto Corrêa

Thomaz – É... E não vamos esquecer que ainda há muita gente que não compra revista neste País! Dois exemplares *per capita* é nada! Se virarem quatro, dobra, vai para quase um bilhão de exemplares. Tem muito para crescer.

Protagonistas – O que pensa das revistas customizadas?

Thomaz – Pessoalmente penso que elas são inimigas de revistas de consumo. Não é que sejam inimigas em vendas, mas sim na publicidade. Tem cliente que pega um pedaço do seu dinheiro e faz uma revista. E vira seu concorrente.

Protagonistas – Vamos falar sobre o be-a-bá desse negócio... Sabemos que estará no seu livro... (risos) O que é preciso saber para fazer uma revista de sucesso?

Thomaz – Minha teoria é de que você precisa ter duas coisas bem definidas. Uma eu chamo de missão. Que revista é essa? Para que ela serve? Não posso ter uma coisa mal definida porque não vou

encontrar a segunda questão – o leitor. Preciso ter a missão definida e conhecer o meu leitor. Se eu tiver essas duas coisas, é fácil. Agora não é fácil tudo. Tem missão que é bem definida e não dá certo. Mas acho que essas duas coisas são extremamente importantes.

Protagonistas – Temos aí grandes eventos chegando ao Brasil. Você acredita que para o mercado editorial como um todo...

Thomaz – O que vocês chamam de grandes eventos?

Protagonistas – Copa do Mundo, Olimpíadas...

Thomaz – Copa do Mundo para revista é complicado. É o show da televisão.

Protagonistas – Olimpíadas também?

Thomaz – Mesma coisa. Se bem que a Abril inventou um pacote de patrocínio. Não sei como funciona no dia-a-dia, você tem que construir a oportunidade, mas é um show televisivo.

Protagonistas – Para finalizar: o que mais

o empolga e fascina no jornalismo, nas revistas, nesse mundo editorial?

Thomaz – O que me fascina? Um texto bem escrito, uma página bonita, uma foto bem tirada. (ri) O que fascina é ver esse conjunto de coisas criando uma revista. Aqui [na revista] nada se movimenta. Como é que vamos fazer essa coisa que não se mexe surpreender? Você tem que ser relevante, instigante. Aquilo que leva as pessoas a perguntar: “O que será que esses caras vão inventar na próxima edição?”. O que me fascina é a busca disso. A busca da excelência. Tem que levantar a barra? Vamos levantar a barra. Sempre. Vamos fazer cada vez melhor.

Protagonistas – Sem esquecer as metas... (risos)

Thomaz – Houve época em que não existia meta. Uma vez encontrei o seu Victor no corredor, Claudia tinha acabado de vender 200 mil exemplares... Era uma loucura para uma revista mensal.

Falei: “Seu Victor, vendemos 200 mil exemplares”. E ele respondeu [imita o sotaque italiano de Victor Civita]: “Magnífico! Mas quando chegamos a 400?”. (gargalhadas). E o que acontecia? Nós corríamos atrás dos 400...

Protagonistas – Um rápido pingue-pongue. Um amor...

Thomaz – Revista.

Protagonistas – Um hobby...

Thomaz – Cozinhar.

Protagonistas – Um defeito...

Thomaz – Glutão (ri). Estou brigando com a gula.

Protagonistas – Uma qualidade...

Thomaz – Nenhuma. Qualidade acho que não tenho nenhuma... Persistência, talvez.

Protagonistas – Um amigo...

Thomaz – Nem a pau!

Protagonistas – Um livro e um autor...

Thomaz – Estou lendo *Os Maias*, do Eça de Queiroz. No *tablet*! (risos) E estou achando fantástico!

Protagonistas – Um filme...

Thomaz – *Oito e meio*, de Fellini.

Protagonistas – Uma peça de teatro...

Thomaz – *Hamlet*, de Shakespeare.

Protagonistas – Uma atriz e um ator...

Thomaz – (pensa um pouco sobre a pergunta) Aí complica muito a minha vida... Uma atriz e um ator... É memória... Ator eu citaria Marcello Mastroianni. Atriz... Ana Magnani!

Protagonistas – Só os italianos. Em homenagem aos Civita... (risos)

Thomaz – Não, isso é bem de antes deles...

Protagonistas – Uma música...

Thomaz – Sou ouvinte de música clássica, mas um ouvinte vagabundo. Então, música para mim, quando posso, ouço Mozart, para entrar em férias.

Protagonistas – Um cantor e uma cantora...

Thomaz – (pensa bastante) Cantor é Chico Buarque. Cantora, Elis Regina.

Protagonistas – Um repórter, vivo ou morto...

Thomaz – Nem a pau. (risos)

Protagonistas – Uma reportagem memorável...

Thomaz – Não vou lembrar.

Protagonistas – Um grande político, vivo ou morto...

Thomaz – Político vivo ou morto... Grande tristeza... (risos).

Protagonistas – Uma cidade...

Thomaz – Paris... em 1910! (risos). Eu queria ter morado em Paris em 1910...

Protagonistas – Um fato marcante...

Thomaz – (pensa bastante) Nada de especial...

Protagonistas – Uma invenção...

Thomaz – Eu estava fazendo uns apontamentos sobre a história da escrita para o curso da ESPM e reencontrei **Aldo Manuzio**, que eu considero contemporâneo. Esse cara inventou a lombada quadrada, o tipo serifado, as coleções de bolso. Essa cara aí [mostra um livro]...

Protagonistas – É italiano?

Thomaz – Ele é de Florença... Quando Florença era aquela coisa maravilhosa... Inventou coisas incríveis.

Protagonistas – Uma cor...

Thomaz – Azul.

Protagonistas – Um sonho...

Thomaz – Um SO-NHO? Enquanto estiver lúcido e ativo, é conhecer lugares que nunca conheci.



Expediente

PROTAGONISTAS da Imprensa Brasileira é um informativo produzido pela Jornalistas Editora • Tel. 11-5572-9700 • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Barancelli** (barancelli@jornalistasecia.com.br) • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant'Ana** (pr-santana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br).